

# Doenças do espírito\*



Eu vi o mundo, ele começa no Recife, 1929/Cícero Dias

Por Carmem Junqueira\*\*

Vamos falar sobre doenças do modo como ela são entendidas numa sociedade de tradição oral. Tentarei, de modo breve, ordenar dados que coletei nas últimas décadas junto aos Kamaiurá<sup>1</sup> e esboçar as características principais da doença ou mais especificamente de doenças do espírito.

Numa abordagem preliminar, sabe-se que o conceito de doença liga-se diretamente à concepção do que seja o funcionamento do corpo humano, seus sistemas, órgãos e funções. É um conhecimento acumulado, seguidamente testado e atualizado na prática. Na sociedade indígena ele tem ainda outras características específicas. Além de ser acumulado na memória das pessoas, ele se acomoda de modo integrado no conjunto de saberes adotados, criados e desenvolvidos pelo povo. Isto é, ele é parte integrante da cultura, e a cultura, sabemos, é formada pelas práticas, valores e crenças lentamente trabalhados pelo tempo.

A história forma o leito sobre o qual a cultura se movimenta, qual um rio que desenha curvas espalhadas, num movimento sinuoso. Para o rio, não é o ponto de chegada que lhe impõe o percurso, e seu propósito, se assim podemos dizer, é fluir. Ele segue tranqüilo ou agitado, em função do leito que encontra, dos tributários que incorpora. Coisa semelhante ocorre com o modo de vida de um povo. Valores e comportamentos são criados, abandonados, reformulados, dentro de uma lógica própria e através da qual novas explicações são buscadas. Novidades são incorporadas, algumas chegando logo ao esquecimento, enquanto outras passam por processo de recriação, sendo então acomodadas no leito da cultura existente.

Para falar de doença, é preciso antes tornar mais flexível algumas noções. A idéia do que seja a realidade é um bom começo. O senso comum admite, sem dificuldade, que realidade é aquilo que efetivamente existe em sua materialidade. Decorre daí, em muitas sociedades, uma divisão do mundo em real e irreal, natural e sobrenatural, categorias aceitas como óbvias e que servem para orientar o olhar sobre o mundo.

Basta, entretanto, que o eixo cognitivo que rege a organização do pensamento seja constituído a partir de outros princípios para que a noção de realidade se contraia a poucos espaços ou, ao contrário, se amplie, desdobrando-se em muitos planos. Com isso, pode-se dizer que a razão de um povo é condicionada e comandada pelo conjunto de noções fundamentais que lhe serve de guia, isto é, pelo conjunto de princípios e regras que orienta seu pensar. Como decorrência, a compreensão do fenômeno cultural deve sempre partir de um ponto de vista interno, onde o fato encontra seu lugar adequado. E, quando observamos outras culturas com o olhar centrado no nosso sistema de referência, apenas estabelecemos um monólogo com nossa própria cultura, perdendo assim a oportunidade de conhecer a originalidade das criações de outros povos.

Voltando ao tema deste texto, vamos reunir um conjunto de informações que possa

\* Versão modificada do texto anteriormente apresentado na UNIFESP/EPM, no encontro Antropologia da Saúde e Projeto Xingu, agosto de 2000, e re-apresentado no Fórum de Debates, Universidade Federal de São Carlos, em 05 de outubro do mesmo ano.

1 - Povo de língua tupi que habita hoje o Parque Indígena do Xingu.

nos aproximar do modo de pensar Kamaiurá. Há muitos anos, quando coletava dados sobre a visão que os Kamaiurá tinham do mundo, chamou minha atenção a repetida afirmação de que “gente serve para ficar em pé, trabalhar, namorar, casar e ter filho”<sup>2</sup>. À primeira vista, isso parecia indicar apenas um modo conciso e simples de definir a finalidade da vida humana. Mas, com a continuação da pesquisa, observamos que a frase continha um elemento importante: o fato de “ficar em pé” significava estar vivo, se movimentar, isto é, destacava a idéia de existência. A pessoa não apenas existia, como deveria realizar uma série de atos (trabalhar, namorar e casar) para garantir a continuidade da existência humana (ter filho). O destino da raça humana, em suas linhas básicas, seria zelar pela existência e garantir sua perpetuação.

Podemos saber como a humanidade foi criada, nos reportando à mitologia, que é o conjunto de narrativas que sintetiza, de modo exemplar, os principais marcos da tradição indígena. Segundo consta, há muito tempo atrás, o mundo era bastante parecido com o que é hoje, com a mata, as águas, bichos, aves, peixes e outras inúmeras formas de vida, exceto a humana. Mavutsinin, o primeiro, que tem a mesma idade do universo e se criou a si próprio, enamorou-se de uma concha e com ela teve um filho. Conta o mito que, quando o filho nasceu, ele perguntou à esposa:

- É homem ou mulher?

- É homem.

- Vou levar ele comigo.

E foi embora. A mãe do menino chorou e voltou para a aldeia dela, a lagoa, onde virou concha outra vez.

- Nós, dizem os índios, somos netos do filho de Mavutsinin<sup>3</sup>.

Nessa época, o relacionamento entre os seres era estreito. Casavam-se, selavam amizade e aliança ou entravam em conflito e brigas. O próprio filho de Mavutsinin, que trazia o mesmo nome do pai, depois de ameaças e atritos com a onça, tornou-se seu sogro, dando a ela suas duas filhas em casamento. Dessa importante união nasceram os dois meninos gêmeos: Sol (Kwat) e Lua (Iay).

O tempo passou e Mavutsinin, que vivia com os netos, sentiu-se solitário e decidiu criar o homem, à sua imagem, mas despojado de dons especiais, com exceção talvez da curiosidade de conhecer. O novo ser teve como primeiro mestre o próprio Mavutsinin, depois vieram outros: Kwat (Sol) e Iay (Lua) e vários animais que com exemplos, estímulos, advertências e punições contribuíram para a constituição da cultura Kamaiurá.

Viviam todos, homens, animais e deuses, comunicando-se numa mesma língua, num mundo sem rupturas, cada qual zelando pelo próprio território e pelo seus interesses. De lá para cá, os deuses deixaram a companhia dos homens e as línguas se diversificaram, conservando-se, entretanto, a visão integrada do cosmos, sem espaço para divisão entre Natureza e Cultura. De fato, o mundo é visto como um vasto cenário onde todos os seres são parceiros de uma mesma jornada. Além das características particulares de cada espécie ou gênero, um fato maior os liga: todos são expressão da existência, da manifestação da Vida, e cada qual, com exceção talvez dos deuses, trilham um mesmo caminho e têm destino similar que chega a termo na experiência da Morte. Deixam então sua forma física, material, para ingressar na esfera destinada às almas.

Nada sabemos sobre a alma dos animais e das plantas, após a morte. As almas humanas, entretanto, seguem para uma aldeia própria, onde passam o tempo em festa, cantando, tocando flauta e dançando. Não trabalham mas se alimentam bem, de barata, que pensam ser peixe e é abundante tanto lá como na terra dos vivos. Cada povo tem sua própria aldeia dos mortos, onde as almas vivem isoladas de qualquer interferência vinda de fora. De fato, as almas desconhecem outros povos e a cultura que rege suas atividades é centrada nas cerimônias, práticas rituais e interdições, próprias da sociedade onde tiveram existência humana. Os únicos objetos que conhecem são aqueles com os quais seus corpos foram enterrados. Ao se desligarem da vida terrena esquecem praticamente tudo o que haviam acumulado enquanto humanos: o conhecimento da natureza e dos animais, a técnica de trabalhar e usar instrumentos. Os poucos objetos que levam para o além são usados para enfeitar o corpo e para defendê-lo, pois a nova vida é centrada no essencial e que se resume à música, ao canto e à dança. Sua paz é perturbada apenas por ocasião do eclipse do sol, quando então se dá um grande embate guerreiro entre almas e pássaros de todos os tipos. No campo de batalha a alma se defende do ataque com os enfeites, apetrechos de trabalho e armas que

2-Junqueira, Carmen - *Os Índios de Ipanu*, São Paulo, Editora Ática, 3ª. edição, 1979:92.

3-Villas Boas, Orlando e Villas Boas, Cláudio. Xingu. *Os índios, seus mitos*. Rio, Zahar, 1970:55.

foram sepultados com o seu corpo na aldeia: arco e flecha para os homens e o fuso para as mulheres. O alvo dos pássaros é a cabeça da alma, que arrancam a bicadas para em seguida levar para seu chefe, o gavião urapu. Quando isso acontece a alma morre para sempre.

Os pássaros têm assim um papel de grande importância na cultura Kamaiurá. Quando, há muito tempo atrás, a humanidade vivia na escuridão, foi do urubu rei que Mavutsinin obteve o dia. Astuto, ele armou-lhe uma cilada e com a ajuda dos netos capturou-o, obrigando-o a lhe entregar o dia, na forma de uma arara vermelha. Percorrendo a mitologia aprende-se ainda que algumas aves são portadoras de *mamaé*, isto é, de um espírito dotado de poder invulgar. Aliás vários seres têm tal potência espiritual: animais carnívoros, roedores, peixes, pássaros, plantas, formando um contingente de espíritos que participam da realidade Kamaiurá e que podem ser classificados como bons, amigáveis, generosos ou, ao contrário, irascíveis, de má índole e perversos. Vejamos alguns deles: no reino das aves, destaca-se pela alta periculosidade o menor dos beija-flores e, pela bondade, um pequeno passarinho que os Kamaiurá denominam de *kapaié*. Espíritos temidos são também o do macaco guariba, *mamaé* muito ruim e que pode lançar doença sobre o homem por mera maldade. O mesmo acontecendo com o porco do mato, com o veado de porte pequeno, com os quais não se deve mexer para evitar sua ira. A maioria dos peixes tem espírito amigável, contrastando com o do *krapitã*, tipo de cará preto, o *etowí*, uma espécie de peixe, ou o *poraquê*, que todos temem. Objetos cerimoniais têm *mamaé*, alguns de muita grandeza, como a flauta *jakui*, e devem ser alvo de cuidados especiais, uma vez que não admitem transgressões no campo ritual. Os



Paineiras/Carlos Oswald

*mamaé* ruim são conhecidos pelo nome de *wakyky* e respondem pelo envio de doenças; os bons, são os *paye* e curam as doenças.

É grande o elenco de males provocados pelos *mamaé*. Eles são responsáveis pela febre, dores fortes, partos complicados, distúrbios psíquicos, perda de consciência, hemorragia, e tudo mais que possa causar sofrimento continuado, prostração, desorientação mental e mesmo a morte.

No dia a dia, as pessoas cruzam seguidamente com os espíritos, que se deixam ver apenas através da forma corpórea que lhes serve de morada. Eles, por sua vez, observam os humanos e participam dos seus rituais. Disso resulta uma clara consciência de que o homem não tem posição privilegiada no universo, pois na atmosfera, na terra e nas águas estão entidades potentes, superiores a ele e atentas ao seu desempenho social e cultural. Boas ou más, são elas que supervisionam sua existência.

O homem conheceu o poder dos *mamaé* quando ainda morava em companhia de Mavutsinin e seus netos Sol e Lua. Intrigados com o comentário feminino de que os homens careciam de ciúme, os gêmeos saíram à procura do misterioso sentimento, para finalmente voltar à aldeia carregado dele. Com a dose excessiva de ciúme que pegou para si, Kwat ficou seriamente doente. Iay implorou aos pássaros que salvassem o irmão. Vários deles vieram, portando seus *mamaé*, dando início ao ritual da cura: pousavam a mão sobre o peito de Kwat, de lá retirando um punhado do mal. Os homens conheceram então a misteriosa qualidade dos *mamaé* e o modo como intervinham na vida, enviando ou curando doenças.

O ser humano não têm *mamaé*, mas aprendeu a melhor maneira de pedir sua ajuda. Há muito tempo atrás, um índio pescava na lagoa Mariuáhet e a certa altura apontou a flecha para o peixe agulha (*timukuiarí*). O peixe ameaçado dirigiu-se a ele, dizendo: “quero levar você comigo, para torná-lo um grande pajé”. O rapaz concordou e dois *timukuiarí*, um à frente e outro atrás, o conduziram para baixo. O maior perigo eram as piranhas, mas ao se aproximarem os dois peixes ordenavam: “não mexam com ele!”

Bem abaixo da superfície da água, encontra-se o caminho da aldeia, com a mesma atmosfera da terra. Ao chegar lá, o índio viu bonitas casas e uma vida que repetia uma organização semelhante à do homem. Seguiram então para a casa dos *timukuiarí*, onde fizeram oito cigarros para iniciar o índio no aprendizado.

- “Você agora vai aprender a fumar. Ponha o cigarro na boca, mas não engula a fumaça por enquanto. Fume cinco cigarros assim e só depois comece a engolir a fumaça.” O rapaz fumou como lhe ensinaram e ao final desmaiou. Os peixes-pajé foram até a porta da casa e pediram para seu povo não se aproximar, para que o cheiro de alguns não perturbasse a sessão. Em especial aqueles que tinham tido relações sexuais deveriam ficar bem longe.

Durante toda a sessão, os peixes-pajé ouviam a mãe e parentes do índio chorar, pois haviam encontrado seu arco e flechas na beira d'água, julgando ter ele sumido.

Finalmente os peixes-pajé voltaram-se para o corpo desmaiado e passaram a jogar fumaça sobre ele para despertá-lo. Já feito, o rapaz ganhou o nome de Timukuiarí, de seu mestre principal, aprendeu a passar o takepeá (caroço de pajé) pelo corpo, a raspá-lo e comer um pouco do pó.

Para testar o aprendiz, o peixe fez-se doente e pediu-lhe que tentasse curá-lo. O rapaz foi ensinado a primeiro perguntar onde doía: se nos braços, na garganta...

- Agora você joga fumaça onde dói. Passa a mão e pega.

- Pegou?

- Sim.

Ele tinha conseguido tirar a dor.

- Agora joga fumaça na mão para a coisa desaparecer.

Como pagamento ele recebeu um colar da mulher do peixe. Ganhou ainda maracá, fumo e urucu.

- Agora vamos levá-lo de volta.

Seguiram até o meio da lagoa, o rapaz veio à superfície e notou que não precisava nadar, pois conseguia caminhar sobre a água. Na aldeia, seu pai e outros pajés estavam em sessão. Ele deu uma volta no centro, rodeou os pajés, sentou-se com eles e fumou. Depois disso, seguindo as instruções dos peixes, ficou em reclusão.

Certo dia, seu pai foi chamado para atender um doente e sua técnica consistia em chupar a parte que doía. Como não houve resultado, o rapaz foi convidado a tentar a cura, mostrando o que aprendera. Começou então a soprar fumaça sobre as partes do corpo que doíam. Todos se espantaram, mas seu pai explicou que era assim que se devia proceder de agora em diante, pois o outro jeito era antigo. No dia seguinte o doente estava melhor e sarou. E foi assim que os Kamaiurá aperfeiçoaram sua técnica de cura.

Pode-se notar que as espécies vivas, homens, aves e peixes, têm qualidades diferentes. Cada qual no seu domínio e com seus saberes. Nos exemplos que vimos, coube às aves revelar ao homem a existência dos mamaé e, aos peixes, procedimentos mais eficazes para alcançar a cura. Assim, o ser humano ampliou sua noção de realidade, tomou conhecimento das forças maiores que atuam na natureza, aprendendo a respeitar os mamaé e a eles solicitar ajuda. Ele não ganhou o dom da cura, mas abriu um canal de comunicação com os poderes espirituais, na pessoa do pajé.

Veza por outra, uma pessoa pode ser surpreendida por estranhas manifestações, como ouvir assobios, experimentar a sensação de ser seguida por alguém, ter desmaios, passar a não tolerar certos alimentos ou mesmo adoecer. Um pajé experiente pode identificar essas ocorrências como sinal de que pessoa deva se iniciar na arte da pajelança. Os poucos que recebem a revelação percorrem um longo caminho de aprendizado, que inclui purificações rituais, exclusão de alimentos proibidos pelo mamaé que enviou o aviso, abstinência sexual, ingestão de pimenta e de fumaça de tabaco etc. O mamaé virá em sonho instruir o eleito nos procedimentos de cura, e a própria pessoa irá desenvolver aos poucos novos conhecimentos que possam enriquecer a prática xamânica, como ervas para friccionar o corpo, colírios para estimular sonhos mais freqüentes, talismãs com formas sugestivas etc. Sonho e transe são os principais veículos de comunicação com o mundo dos espíritos.

Nesse complexo campo de especialização há nítida hierarquia de poderes. Os pajés que recebem o chamado dos mamaé e são por eles iniciados possuem maior poder de cura e adivinhação do que aqueles instruídos por outros pajés.

Numa aparente contradição com o mundo espiritual, coube ao homem descobrir no próprio espaço profano a essência do mal, superior aos deuses, aos mamaé e aos esforços do pajé: o feitiço. Encontrado em tempos idos sob as águas, com a aparência de pau preto, o moã, atirado numa pessoa, ocasiona a morte. O primeiro a usá-lo foi Uiamiku que, antes de morrer, transmitiu-o a seus descendentes. Desde então, a matéria mortífera passa de geração a geração, até os dias atuais.

O efeito do feitiço é instantâneo, na maioria das vezes, mas quando se prolonga por alguns dias, ele é por vezes confundido com doença, pois a vítima pode ter febre, perda de sangue, dores ou outro sintoma. Pajés experientes possuem técnicas mágicas capazes de identificá-lo, distinguindo-o de outros males. Esse é um dos grandes desafios enfrentados pelos pajés, e também um acontecimento fortemente impregnado de interesses políticos, uma vez que a acusação de feitiçaria é a arma mais perigosa que se pode utilizar nas disputas pelo poder.

Finalizando, pode-se dizer que a noção de saúde vincula-se estreitamente à qualidade de poder se movimentar, trabalhar. Estar vivo é estar com saúde, livre de algo exterior que venha causar distúrbio no organismo. Os excessos podem trazer desconforto: muito exercício pode causar dor muscular, muito sol, dor de cabeça, que também pode ser causada no homem que ingerir alimento preparado por mulher menstruada; comida exposta por muito tempo, como o peixe assado, pode dar dor de barriga; muito mosquito, coceiras. Os distúrbios desagradáveis, mas que não interferem de modo severo no desempenho das tarefas, isto é, que não prendem o sujeito à rede, imobilizando-o, são sanados com raízes, ervas e dietas. Eles não se incluem na categoria de doença, propriamente dita, são contornados domesticamente ou, em casos renitentes, com a ajuda do especialista em ervas. Os remédios são ainda usados em muitas outras circunstâncias: para o homem se tornar grande lutador, para a criança parar de mamar, para começar a andar, para dar fertilidade, para não ter filhos gêmeos, para evitar a concepção e para abortar. Até cachorro pode receber colírio de pimenta nos olhos para ser tornar bravo e não temer onça.

É quando ocorre a prostração, a debilidade que imobiliza a pessoa na rede, que é correto falar-se de doença, mal causado pelo *mamaé*, doença do espírito. Esta se instala no corpo quando a alma é capturada ou, em casos mais freqüentes, quando o espírito introduz a moléstia na forma de um pequeno objeto que atinge funções importantes do organismo. Quando a alma é roubada, o *pajé*, em sonho ou transe, entra em contato com o *mamaé* com quem mantém vínculos e pede sua ajuda para reaver a alma. Este, por sua vez, identifica o espírito causador do mal, tentando persuadi-lo à devolução, auxiliado pelos cantos entoados em terra pelos *pajés*. Nos casos em que uma doença se instala no corpo, o *pajé* fazendo uso de muito tabaco procura extrai-la; caso não consiga, guiado pelo *mamaé* e pelas queixas do paciente, finalmente retira do corpo a matéria intrusa, que comumente aparece sob a forma de um fiapo, ou fio de cabelo ou ainda de um minúsculo verme.

Algumas doenças são enviadas pelos *mamaé* por força de transgressões, que vão desde as que podem eventualmente causar morte, como não respeitar as privações impostas durante o período de iniciação à *pajelança*, até aquelas menos graves, como a imprudência do pai em consumir muita carne de macaco e transmitir o pelo do macaco à criança. Deformidades de nascença têm como causa central o consumo de alimentos proibidos: mulher que come arraia durante a gravidez pode ter filho com olhos e boca desse peixe; comer *pirara*, a criança nasce com listas pretas no corpo; *cascudo*, boca muito grande; *tracajá*, deformação nas mãos; *tracajá*, pé torto para dentro etc.

Uma única vez ouvi referência a uma doença que escapava da alçada dos *mamaé*. O paciente apresentava um lado do corpo paralisado e depois de consultas a vários *pajés* o mal foi diagnosticado como moléstia do tabaco. Isto é, não tinha sido ocasionada pelo *mamaé* do tabaco e tampouco pelo uso imoderado do tabaco, mas simplesmente pela emanção da planta. O modo como era relatado, deixava evidente a raridade da ocorrência, havendo indicações de que o mal não era explicado pela teoria tradicional das doenças do espírito, embora a cura tenha sido feita através do ritual firmado pela tradição *xamânica Kamaiurá*: invocações, cantos e uso abundante do tabaco.

Os *Kamaiurá* não aceitam a idéia de acaso e os males são articulados em níveis específicos, onde formam um sistema, constituindo um sentido. Pode-se mesmo dizer que para eles todo evento é causado por um evento que o precede. Aprenderam como explicar e lidar com os acontecimentos geradores de dor, aflição e desordem e assim recorrem às ervas para males menores, aos saberes do *pajé* para as doenças, e à eliminação do feiticeiro, por ser aquele que precipita o desfecho do destino humano.

Há várias décadas os *Kamaiurá* têm contato regular com médicos e enfermeiras, submetendo-se a exames e tratamentos. E nos últimos anos alguns jovens passam por treinamento para se tornar agentes de saúde. Qual será o resultado desse encontro de especialistas formados em culturas tão diferentes?

Os índios relatam uma história muito antiga, mas situada no tempo histórico e não no mitológico. Dizem que naquela época os velhos temiam os objetos de metal. Frios como eram, eles foram diretamente associados à febre que assolava a região. As pessoas revestiam, então, as mãos com palha e, usando dois pedaços de pau, seguravam a peça de metal, atirando-a à água, supondo ser lá o meio natural e seguro para conter seus efeitos. Apenas com o passar do tempo foram se aventurando no seu manuseio e conhecendo sua eficácia. Hoje esses objetos foram incorporados à vida na aldeia, embora tenham sofrido reinterpretções. É o caso, por exemplo, do machado de ferro. Conhecido há bastante tempo, ele substituiu o de pedra com vantagem. Segundo os índios “o que hoje se faz em um dia,

fazia-se com o machado de pedra em 12 ou 15 dias<sup>4</sup>. À primeira vista podia-se supor a ocorrência de um forte impacto na economia local. Mas não foi isso que aconteceu. Como a cultura Kamaiurá define o tempo destinado aos trabalhos da terra, ocorreu uma queda substancial das horas gastas na derrubada da mata, aumento do número de roças, da produção de mandioca e maior fatura. Mas a forma de organizar o trabalho e a distribuição do produto não sofreu alteração. Evidentemente, o fato do machado ser produzido fora da aldeia e ali chegar pronto para o uso, permitiu que as mudanças fossem discretas.

Essa ocorrência que atesta a capacidade de absorção cultural pode ajudar, de alguma forma, a esboçar uma explicação, ainda que preliminar, sobre as conseqüências da presença médica regular na área. Como sabemos, à medida que os contatos com não índios tornou-se mais freqüente, aumentou a ocorrência de doenças infecciosas, assim como o número de mortes. O poder xamânico deve ter sofrido algum desgaste nessa ocasião, até que firmou-se o conhecimento de que o novo mal provinha do homem branco que, felizmente, sabia como curá-lo. De fato, o atendimento mais regular à saúde, que incluía programas preventivos, permitiu deter a depopulação e, com o tempo, criar condições para o crescimento populacional.

Interessante seria saber como os pajés da época interpretaram a natureza das doenças de branco. Seriam elas enviadas por mamaé do mundo civilizado, e seriam os médicos seus interlocutores? De qualquer modo, as doenças acabaram por ser controladas e o povo retornou à rotina tradicional, agora com uma visão ampliada da realidade, que continha mais entidades perigosas do que supunham os antigos. Pois uma nova categoria de doença se alinhava ao lado daquelas conhecidas como doenças do espírito; estas a cargo dos pajés e as outras, as doenças de branco, aos cuidados dos médicos.

É possível que nos intervalos das visitas médicas os pajés continuassem a dar atendimento a todos, sem a preocupação de definir a que categoria pertenciam as doenças. Provavelmente tiveram sucesso, pois passaram a exercitar seus rituais de cura ao lado de tratamentos médicos. Atualmente, recorre-se aos profissionais de saúde, cujos serviços não são cobrados, mas também ao pajé, em situações de maior gravidade, apesar do elevado custo dos seus serviços.

Somente um estudo sistemático poderia revelar se a distinção entre doenças de branco e doenças do espírito se mantém ou, ao contrário, se a área tradicional de atuação do pajé vem sendo aos poucos restringida.

Pessoalmente acredito que os Kamaiurá ainda mantêm intacta a crença numa realidade povoada de poderes e entidades superiores ao homem e que sustenta seu universo encantado. Se isso for correto, as práticas médicas devem ter sido acomodadas, sem causar rupturas significativas, através de um processo similar ao que ocorreu com o machado de ferro: elas ampliaram o saber dos Kamaiurá sobre o próprio corpo, e mostraram ainda a complexidade de uma realidade invisível que, lado a lado com o mundo dos espíritos, é povoada por micróbios, bactérias, vírus e outros seres dotados também do poder de adoecer o homem.



Composição, 1928/Cícero Dias

\*\*Carmem Junqueira é professora titular da PUC-SP na área de antropologia.

4-Junqueira, Carmem - *Os Índios de Ipanu*, São Paulo, Editora Ática, 3.ª edição, 1979:37.